

A-COR-DE ANGOLA: CONCEITOS E PRECONCEITOS EM “ZITO MAKOA, DA 4ª CLASSE”, DE LUANDINO VIEIRA

Pedro Henrique Gomes Paiva *

Resumo: Partindo do conto “Zito Makoa, da 4ª Classe”, de José Luandino Vieira (1962), escritor angolano de língua portuguesa, este artigo propõe uma análise literária norteada pelas discussões teóricas de Homi Bhabha, Gayatri Spivak, Stuart Hall e Thomas Bonnici acerca dos conceitos de cultura, subalternidade, representação, identidade e pós-colonialismo. Voltando nosso olhar para a realidade histórica e social de Angola, temos como objetivo analisar o lugar de fala dos personagens do conto, considerando as relações desiguais e dicotômicas representadas no texto em questão. Baseado nos estudos pós-coloniais da literatura e na história de Angola como colônia de Portugal, verifica-se que o protagonista representa um sujeito silenciado e oprimido, vivenciando situações onde forças opressoras convergem para a manutenção da sua condição subalterna. Constata-se ainda, na figura de Zeca, a emergência de um sujeito deslocado, vivendo no entre-lugar teorizado por Homi Bhabha, atuando para diminuir o sofrimento do protagonista.

Palavras-chave: Literatura angolana. Pós-colonialismo. Racismo. Subalternidade.

THE COLOR OF ANGOLA: CONCEPTS AND PREJUDICES ON ZITO MAKOA, DA 4ª CLASSE, BY LUANDINO VIEIRA

Abstract: Based on the short story “Zito Makoa, da 4ª Classe” by José Luandino Vieira (1962), angolan writer of portuguese language, this paper purposes a literary analysis guided by the theoretical discussions of Homi Bhabha, Gayatri Spivak, Stuart Hall and Thomas Bonnici about the concepts of culture, subordination, representation, identity and post-colonialism. Turning our gaze to the historical and social reality of Angola, we aim to analyze the place of speech of the characters of the short story, considering the unequal and dichotomous relationships represented in the text. Based on post-colonial studies of literature and Angola’s history, as Portugal’s colony, it turns out that the protagonist represents a muted and oppressed man, living situations where oppressive forces converge to the maintenance of his subordinate status. We can notice in Zeca’s figure the emergency of a displaced man living in-between, theorized by Homi Bhabha, acting to reduce the protagonist suffering.

Keywords: Angolan Literature. Post-colonialism. Racism. Subordination.

[...] Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem é apenas obra dos homens... Que o que os homens fazem é feito por mãos iguais, mãos de pessoas

* Mestrando em Letras, Literatura , pela Universidade Federal de Tocantins.

que se tivessem juízo sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens. Deve ter sido a pensar assim que Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos.

(Luís Bernardo Honwana¹)

Introdução

No conto “Zito Makoa, da 4ª classe”, José Luandino Vieira transfere para o espaço disciplinar escolar as questões sociais que afligem Angola durante a colonização portuguesa. Neste espaço da narrativa, onde as relações de força e poder se evidenciam, as crianças reproduzem o discurso disseminado pelos adultos responsáveis por sua educação, e, muito provavelmente, as falas compartilhadas no espaço privado das casas. Luandino constrói um narrador onisciente de terceira pessoa, cuja voz algumas vezes se confunde com as dos personagens, sendo impossível definir quem fala nesses momentos. Apesar de o narrador não assumir abertamente um discurso politizado, percebe-se – na construção das cenas e dos personagens – um tom de denúncia social e representação da violência cultural, física e verbal provenientes da colonização.

Há uma estreita relação entre ficção e história nas narrativas pós-coloniais, assim, para compreender o conto em análise em sua total abrangência, torna-se relevante ter consciência do momento histórico em que foi escrito, uma vez que o autor trabalha numa perspectiva de denúncia social, trazendo para sua ficção a realidade dos angolanos moradores dos *musseques*, local de origem do protagonista do conto em análise.

Este tom de denúncia, característica da obra de José Luandino Vieira, representa as tensões e os conflitos formadores de sujeitos híbridos presentes na sociedade angolana da época, articulando as diferenças que, segundo Bhabha (1998, p. 21), compõe a negociação complexa “que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica”, pelo qual passava Angola em 1962, quando o conto foi escrito.

Apesar da sua origem portuguesa, e da cor branca da sua pele, José Luandino Vieira, recebe cidadania angolana após a independência do país, sendo considerado um dos escritores mais

¹ Escritor negro Moçambicano, participou da luta pela independência de Moçambique, foi preso em 1960. Trinta anos depois, nomeado ministro da Cultura, foi um dos signatários do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

representativos de língua portuguesa em Angola. O autor envolveu-se, como muitos outros intelectuais, nas lutas pela libertação de Angola. Filiou-se ao partido MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e foi detido e condenado pela PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) em 1959 por ter combatido durante a Guerra Colonial. Cumpriu pena em Cabo Verde e posteriormente em residência vigiada em Lisboa, só retornando a Angola em 1975, período em que o MPLA passou a governar o país, chegando a assumir diversos cargos políticos relevantes.

A maior parte de sua obra foi escrita durante o período em que esteve preso e procura desvelar a condição da população angolana durante a colonização portuguesa traçando um quadro representativo das lutas pela independência do país, sendo símbolo de resistência e grande precursor da literatura pós-colonial ao lado de Pepetela, Boaventura Cardoso, José Eduardo Agualusa, e outros.

Luandino, por sua vivência em um período social e político conturbado na história de Angola, e também por ser um homem branco lutando ao lado de homens negros pela independência do país, pode ser lido – na perspectiva de Bhabha (1998) – como um sujeito híbrido, que brota do momento de transformação pela qual passou a então colônia portuguesa na segunda metade do século XX.

Certamente, a história de colonização e independência de Angola é complexa e extrapola as relações representadas no conto. No entanto, este pode ser compreendido como uma metonímia do processo colonial e suas consequências – pois retrata as relações tensas e esse espaço de negociação descrito por Bhabha (1998) em *O local da cultura*, onde desenvolveu sua teoria do Terceiro Espaço. Logo, a história de Angola não começa com a chegada dos Portugueses e nem termina com a saída deles; mas certamente o futuro do país está e estará para sempre marcado pelas relações desiguais criadas pelo processo colonial.

Durante o percurso da análise, nos perguntamos se esta obra pode ser lida como uma metáfora para o período (pós-)colonial de Angola, onde estão representadas as relações estabelecidas entre os atores desse período (pós-)colonial, relações estas marcadas pela cor, nacionalidade e divisão de classes. Dentro desta dinâmica, Zito Makoa seria a representação do sujeito silenciado e oprimido – tanto física quanto moral e psicologicamente? Concomitantemente, e tendo em mente tanto o sujeito híbrido e deslocado de Bhabha, quanto o sujeito subalterno de Spivak, analisamos os laços de afeto e amizade entre Zito Makoa e Zeca Silva.

Para responder a tais questionamentos pensamos a relação entre ficção literária e história dentro da literatura de Luandino. Na primeira parte, estabelecemos um paralelo entre história e ficção, como estas duas faces da cultura de uma nação se relacionam e trabalham juntas para desvelar as mazelas de um povo. Na segunda parte, tratamos dos significados emergentes e do estranhamento que a linguagem utilizada no conto nos causa em decorrência da mescla de língua portuguesa com línguas africanas nativas. Na parte seguinte, tomamos como ponto de partida a frase que move o enredo do conto para discutirmos temas relevantes como a questão da marginalização, a opressão e as formas de preconceito, discriminação e silenciamento sofridos por Zito Makoa, personagem sem direito à voz, que mesmo quando fala (bilhete) não pode ser ouvido.

Onde história e ficção se cruzam

No centro do enredo de “Zito Makoa, da 4ª classe” está a pequena e poderosa mensagem escrita no bilhete, causador de toda a confusão e violência retratada no conto: “Angola é dos Angolanos”. Mais que uma mensagem, a frase quer condensar em quatro palavras parte do ideário atribuído ao movimento libertário de Angola. Mas cabe a nós refletirmos sobre o significado por detrás desta afirmação, por si só inquietante, uma vez que todos os personagens do conto – supõe-se – sejam angolanos.

Podemos deduzir, pela pouca idade do protagonista, Zito Makoa, não mais que uma criança, que a frase no bilhete secreto não seja parte de seu repertório de criança, mas algo ouvido nos bairros negros e pobres onde mora, ou mesmo de seu irmão. Zito é conhecido na escola por ter um irmão mais velho, a quem os outros alunos chamam de “terrorista”. O irmão de Zito é apenas citado e pelo contexto histórico e social da época da publicação do conto, pode-se supor que o irmão fizesse parte dos movimentos revolucionários angolanos, sendo filiado a um dos partidos radicais que encabeçavam a luta pela libertação de Angola. Possivelmente, o próprio MPLA², partido do qual o próprio autor, Luandino, fora membro e representante durante muito tempo.

²Três partidos disputavam o governo de Angola, o MPLA, o FNLA e a Unita. Dos três, apenas o primeiro aceitava a participação de brancos como membros. “A existência de três grupos guerrilheiros reflete divisões étnicas e ideológicas. O MPLA é um movimento multirracial, apesar do predomínio da etnia quimbundo, de base marxista pró-soviética. A FNLA tem sua base na etnia bacongô, do norte do país, e se opõe às ideias socialistas. Já a Unita, de forte presença entre os ovimbundos do centro e do sul de Angola, é apoiada, inicialmente, pela China, e sofre influência maoísta; mas depois se torna anticomunista” (OLIVEIRA; PEDRO, 2013, p. 813).

Durante a dominação do Império Português, a organização de partidos políticos contra o governo imperialista era um movimento que ocorria na clandestinidade, por isso, as reuniões partidárias aconteciam durante a noite, dentro da casa de um dos membros dos grupos especialmente formados por jovens, que muitas vezes se reuniam secretamente para ouvir no rádio, em volume muito baixo, notícias sobre as movimentações revolucionárias. A situação no país é de tensão e conflito, e este clima tempestuoso é transferido para o conto já nas primeiras linhas.

No início do conto, a professora adentra a sala de aula e há uma confusão instaurada, uma briga entre dois alunos, Bino e Zito. Temos, então, a primeira dicotomia. Bino representa o homem branco, filho de portugueses e Zito representa o negro, filho de nativos angolanos. Outra relação que se pode fazer entre os dois personagens é a de colonizador e colonizado, respectivamente. Bino reproduz um discurso de ódio contra o menino negro, sem perceber a contradição da qual faz parte – Bino age como se o espaço escolar não fosse um lugar para um negro, como se a escola e, por consequência, a Angola, pertencesse aos brancos, aos portugueses.

[...] assim que a campainha do recreio gritou, na confusão da brincadeira da saída atrás da professora, Bino pôs logo um soco nas costas de Zito.

– Possa, negro! Não vês os pés dos outros?

Era mentira ainda, Zito estava na frente, não podia lhe pisar. Isso mesmo refilou o Zeca logo, adiantando no meio dos dois. E aí Zito sorriu seu sorriso gordo e tirou o amigo.

– Deixa só, Zeca! Esse gajo anda-me procurar ainda. Chegou a hora!

Riu Bino, riu de cima da sua estatura de mais velho e arreganhou-lhe:

– O quê? Queres pelejar? Ponho-te branco! (VIEIRA, 2010, p. 124).

Todo o texto, metafórico, parece reproduzir a relação estabelecida entre Portugal e Angola, durante o período colonial. O Bino serve-se da violência para invadir o espaço físico do outro, agredindo-o nas costas, e utiliza a mentira de que Zito havia lhe pisado os pés para dar início a uma disputa. Sugere ainda que se o negro quiser brigar, ele (Bino) o porá branco, fazendo uma alusão ao fato de o colonizador utilizar a violência para forçar o colonizado/Zito a se submeter às normas e condutas estabelecidas pelos brancos. Entre as duas figuras opostas na disputa, surge o personagem Zeca, representando o branco, filho de portugueses, simpaticamente dos nativos angolanos. A amizade entre Zeca e Zito é uma relação fraterna, que escapa ao modelo hierárquico geralmente construído entre negros e brancos no espaço colonial. No momento da disputa, Zeca reconhece o erro e a mentira de Bino e se põe ao lado da causa que ele considera mais justa, ou seja, do lado de Zito.

Pode-se pensar este ambiente escolar como o local de contato que, segundo Bhabha (1998, p. 20), é o *entre-lugar*, um espaço subjetivo em que as “experiências intersubjetivas de nação, o interesse comunitário, ou o valor cultural são negociados”. Vivendo nesse *entre-lugar* de negociações, Zeca é um sujeito deslocado ao vivenciar um não pertencimento duplo, pois seus iguais não o aceitam por suas afinidades com o outro grupo cultural ao qual não pertence. Sua cor, não permite que Zeca seja identificado como um angolano nativo, e suas ideias o diferem dos filhos dos portugueses brancos como ele, por não compactuar a violência e o ódio que eles têm pelos negros.

Zeca, ao render-se aos desdobramentos de uma amizade com Zito, também sofre discriminação por ser um menino branco se relacionando com um menino negro. Na voz de Bino e dos colegas de classe, Zeca é definido como sendo “esse amigo dos negros, sem-vergonha” (VIEIRA, 2010, p. 124). Entretanto, Zeca não ligava para a alcunha, pois tinha em Zito um amigo, independentemente do preconceito e das tradições que os queriam separados.

Além do bilhete transgressor, as três balas vazias encontradas por Zito no *musseque* – designação dada geralmente a bairros periféricos de Luanda, local onde a violência entre membros das facções/partidos era mais latente – deram motivo a discussões. Percebe-se ainda a existência de uma possível referência aos partidos políticos rivais em Angola, cada bala representando um partido, MPLA, FNLA e Unita. O que pode ser lido como uma crítica de Luandino ao procedimento violento pelo qual os grupos lutavam pela libertação de Angola e pelo poder, violência proveniente geralmente da diferença étnica entre os partidos, formados por grupos considerados, de certa forma, tribalistas. Violência esta que geralmente atingia a população mais carente e periférica do país, os marginalizados habitantes dos *musseques*. Zito leva as balas para presentear Zeca, como se para este, os objetos fossem motivo de admiração, algo que não fizesse parte do seu cotidiano. O lugar onde os garotos moram ressaltam mais uma dicotomia presente no conto, a relação pobre/rico. A troca entre os dois amigos pode ser uma alusão ainda à troca cultural entre portugueses e nativos.

Sempre trocavam suas coisas, lanche do Zeca era para o Zito e doces de jinguba ou quicuéra do Zito para Zeca. Um dia mesmo, na 3ª, quando Zito adiantou trazer uma rã pequena, caçada nas águas das chuvas na frente da cubata dele, o Zeca, satisfeito, no outro dia lhe deu um bocado de fazenda que tirou no pai. Eram esses calções que Zito vestia nessa manhã quando chegou no amigo para lhe contar os tiros no musseque e corrigir ainda os deveres, mania antiga (VIEIRA, 2010, p. 123).

Nota-se ainda a diferença contida na essência dos objetos de troca oferecidos por Zeca e por Zito, reforçando a dicotomia pobreza/riqueza. Enquanto Zeca, o português, lhe trás a “comida”, a “roupa” e a “intelectualidade”, símbolos da “superioridade” e “civilidade” portuguesa, mas também representativos das vestimentas, das leis, das escolas, e dos costumes impostos aos nativos pelos portugueses. Zito tem a oferecer sua “culinária típica”, sua “fauna exótica” e a “violência” cotidiana a que estava sujeito. A seleção dos itens pelo autor, se interpretados por um viés irônico, revela toda a problemática da colonização, a ideia que o colonizador tem sobre sua colônia e a maneira como acredita ser sua missão trazer civilidade para esse povo.

O teórico e crítico literário Thomas Bonnici (2009), em sua obra *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas* analisa como se dá essa representação do colonizado, no conto reproduzida mesmo onde há uma relação de amizade e troca cultural.

Nas sociedades pós-coloniais, o sujeito e o objeto pertencem a uma hierarquia em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador. O colonizador, seja espanhol, português, inglês, se impõe como poderoso, civilizado, culto, forte, versado na ciência e na literatura. Por outro lado, o colonizado é descrito constantemente como sem roupa, sem religião, sem lar, sem tecnologia, ou seja, em nível bestial. É a dialética do sujeito (agente) e do objeto (*o outro*, subalterno) (BONNICI, 2009, p. 265).

Zeca, mesmo se mostrando amigo de Zito, ainda pertence ao grupo dominante, ressaltado pela cor de sua pele e pelos elementos pertencentes a sua cultura: o lanche, a roupa, o lar. Zeca tenta se conectar a Zito por meio da troca, mas o que Zito tem a lhe oferecer é percebido por Zeca como objetos excêntricos. Mesmo não considerando Zito como ser inferior, Zeca reconhece que Zito pertence a uma classe marginalizada e discriminada, pois tenta protegê-lo dos ataques dos outros brancos.

Jane Tutikian (2006), em *Velhas identidades novas: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa*, explora a questão do discurso colonial que de um lado se pensa redentor, e de outro cria um discurso de subalternidade e inferioridade. A autora afirma que:

se a expectativa do colonialismo era a de progresso – conforme Said (1995, p.18), ratificado por Bhabha (1998), quando fala em levar a civilização aos povos bárbaros ou primitivos, uma vez que “a retórica do poder gera, com muita facilidade, quando exercida num cenário imperial, uma ilusão de benevolência” – e, se o resultado é a falência, então, se coloca em dúvida a noção de identidade a partir de uma falha exposta (TUTIKIAN, 2006, p. 21).

Este discurso fica evidenciado na fala dos alunos da escola e da professora, mas também na ironia do termo “sacristas”, utilizado por Zito e Zeca. Sacristas remete a sacristão – está intimamente ligado ao projeto de cristianização e “progresso/civilização” levado pelos portugueses a todas as suas colônias.

A história de Angola, como a de muitos outros países colonizados pelos europeus, também foi marcada pela exploração, dominação, violência e imposição cultural e religiosa, em nome de uma humanização dos povos primitivos, em nome de civilizar a barbárie das colônias.

Os efeitos desse processo devastador, além das sangrentas guerras pela libertação, gerados pela imposição da cultura do invasor aos povos colonizados, suas leis, sua religião, as escolas, vestimentas, etc. reforçavam a ideia de que o modo de ser e viver do branco era superior. Mesmo quando havia uma troca de saberes e costumes isto não se dava de forma justa ou balanceada, mas sim causando uma desapropriação da identidade da colônia num primeiro momento e posteriormente levando este povo, nascido na colônia, sejam filhos nativos ou de colonizadores, a empreender uma busca por uma nova identidade, reagrupando-se e reorganizando-se de forma a conciliar as manifestações culturais remanescentes e agregadas em nome de uma nacionalidade.

Stuart Hall (1992), em *A identidade cultural na pós-modernidade*, reflete sobre as questões da identidade e da nacionalidade, ele pontua que:

Uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica. Ela é também uma estrutura de poder cultural. [...] A maioria das nações consiste de culturas separadas que só foram unificadas por um longo processo de conquista violenta — isto é, pela supressão forçada da diferença cultural. [...] as nações são sempre compostas de diferentes classes sociais e diferentes grupos étnicos e de gênero (HALL, 1992, p. 59).

Neste texto, Hall (1992) afirma que no encontro de diferenças, uma cultura sempre se sobreporá a outra, e geralmente as nações ocidentais modernas exerceram, ao longo da história das conquistas territoriais, “uma hegemonia cultural sobre as culturas dos colonizados”. O fato é que o território africano onde hoje se situa Angola, ao longo de sua história, mesmo antes da invasão europeia, já vinha sofrendo com as constantes migrações de povos de diversos lugares da própria África e esse encontro, nem sempre se dava de forma pacífica, as guerras por território e poder entre os povos migrantes eram frequentes e culminou na formação de grupos de etnias distintas habitando localidades específicas do território angolano, conforme afirmam Cibele Cheron e César L. Filomena (2008) em *O antagonismo ao extremo: luta pela libertação colonial e guerra civil em*

Angola. De acordo com Cheron e Filomena (2008), depois da libertação, esses grupos étnicos formaram partidos políticos e iniciou-se um período de violentas disputas pelo poder e controle do país, entre os três grandes partidos políticos que se formaram durante o período de colonização: o MPLA, FNLA e a Unita.

Linguagens em diálogo: um português angolano

A troca cultural aludida no conto nos remete para a identidade deslocada de Luandino e dos personagens construídos por ele. Apesar de o autor não ter tomado parte de nenhum movimento de diáspora, sua obra contém traços e características de obras produzidas na diáspora. A construção do “espaço literário diaspórico” é um termo discutido com mais profundidade no artigo *Diáspora, espaço e literatura: alguns caminhos teóricos* de Gonçalves e Braga (2014). No conto, além dos personagens e do discurso do narrador, outros fatores situam este texto no espaço literário diaspórico como, por exemplo, a não linearidade da narrativa, que começa pela cena de uma briga entre jovens e depois retoma o passado das relações entre os personagens e, num terceiro momento, volta ao presente para relatar as consequências da confusão relatada no início do enredo. Tem-se ainda a composição dos *entre-lugares* onde a história se passa; para Zeca, o *entre-lugar* é o país hospedeiro (Angola) uma vez que ele tem descendência portuguesa; para Zito o *entre-lugar* é a escola, onde ele mantém contato com uma cultura que não é a sua, uma vez que este personagem, por ser negro, pertence a uma classe e raça consideradas inferiores, sem direito a frequentar um lugar reservado para os brancos. O clima tenso, recorrente das relações inter-raciais, ilustrado pela amizade entre Zeca, branco, e Zito, negro, e a opinião negativa que os outros têm desta relação também é uma característica do espaço literário diaspórico. Bem como, a linguagem do narrador e das personagens que

[...] caracteriza a diferença cultural na diáspora, sendo frequente o emprego de vocábulos, expressões e até textos inteiros em mais de uma língua e, muitas vezes, misturando e fundindo as línguas da terra natal e do país hospedeiro, constituindo uma conjuntura linguística híbrida (BRAGA; GONÇALVES, 2014, p. 45).

Em todo o conto de Luandino, apesar de ter sido escrito originalmente em língua portuguesa – língua oficializada em Angola na época da colonização, trazida e imposta pelos colonos portugueses como instrumento de dominação – notamos a presença das línguas nativas remanescentes em alguns vocábulos: *monandengue* (criança), *cambuta* (pessoa de pequena

estatura), *brututo* (raiz amarelada de um arbusto de mesmo nome, que tem propriedades medicinais), *borla* (carona), *jinguba* (amendoim), *quicuérria* (doce feito de farinha de mandioca e açúcar, muito popular entre as crianças angolanas), *cubata* (casa de construção precária, barraco), *musseque* (designação dada aos bairros periféricos de Luanda por estarem, geralmente, instalados sobre terrenos arenosos), *cagunfas* (medroso), *bassula* (rasteira), *gapse* (golpe de luta), *tacula* (árvore nativa de Angola, cuja madeira vermelha é muito utilizada na marcenaria) e o próprio nome do personagem principal *Makoa*, nome de um peixe da região, cujas características se assemelham as do menino, baixo, gordo e forte. A maioria das palavras citadas acima tem origem no quimbundo, língua nativa da região noroeste de Angola, incluindo Luanda, onde o conto se passa.³

Assim, como afirmamos acima, embora o autor não se encaixe no conceito de diáspora, seu conto possui características do espaço literário diaspórico, “que explicita um posicionamento político, dando voz a minorias deslocadas, ignoradas e silenciadas”; além de se situar em um espaço literário “[...] criado por escritores com história pessoal e familiar diaspórica, ou que optam por um estilo de vida diaspórico” (BRAGA; GONÇALVES, 2014, p. 46), como é o caso de José Luandino Vieira, por ter nascido em Portugal e vivido grande parte da vida em Angola. Embora não tenha feito parte de um movimento migratório, sua história de envolvimento político, sua passagem pela prisão, e pelas características essenciais da sua narrativa podemos considerá-lo um escritor deslocado, um sujeito que viveu na fronteira entre o ser português e o ser angolano e decidiu dar voz, em sua literatura, às minorias com as quais se identifica por ter vivido boa parte da infância e juventude nos bairros mais pobres de Luanda.

O desejo e o silenciamento de Zito

No conto *Zito Makoa, da 4ª classe*, a marginalização do protagonista Zito é enfatizada pela presença autoritária de dois personagens significativos no conto, cuja função na obra é aludir ao poder conferido às instituições políticas e educacionais de reprimir, punir e oprimir qualquer tipo de manifestação rebelde no período colonial são eles: a professora e o diretor. Ambos, personagens inominados, representam tipos cruéis e intransigentes, movidos pela violência verbal e física e com quase nenhum senso de justiça e compaixão, especialmente para com negros.

³ As traduções foram retiradas do glossário disponibilizado pelo autor anexo ao próprio conto.

A forma como Zito é tratado por esses dois personagens retrata a posição dos angolanos nativos e negros que assumem um comportamento que desagrade aos detentores do poder. Na escola, o discurso reproduzido é o de que os negros, só pelo fato de serem negros, sejam grandes causadores de problemas e, conseqüentemente, responsáveis por tudo de ruim que acontece no mundo dos brancos. Essa ideia fica evidente na fala determinista da professora e na fala preconceituosa do diretor, respectivamente:

Raivosa, a professora deu um puxão na manga de Zito e gritou-lhe: – Desordeiro, malcriados! És sempre tu que arranjias complicações!

[...] – Ah, não! Vadios na escola, não! Malandros, vadios de musseque! Se já viu esta falta de respeito! Negros! Todos iguais, todos iguais... (VIEIRA, 2010, p. 126).

Neste trecho, a relação de poder se materializa através de uma dicotomia criança/adulto, conferindo aos adultos o poder de punir o jovem Zito, mas a punição é motivada pelo fato de serem estes adultos brancos e a criança negra, uma vez que não há nenhum tipo de punição para as outras crianças brancas, inclusive Zeca que também havia transgredido as regras. A professora, ao deparar-se com a confusão instaurada na sala de aula, mesmo sem que ninguém tivesse acusado, logo deduziu que a culpa fosse do negro presente. O diretor, por sua vez, reproduz o discurso colonial, cujo teor coloca todos os negros em uma categoria inferior de seres humanos. Além da discriminação racial, o diretor ainda o antagoniza por sua pobreza e pelo bairro pobre onde mora, como se a pobreza não fosse um subproduto do domínio colonial. Ao menino, duas vezes discriminado, duas vezes marginalizado, pela cor e pela classe, só restou chorar e tentar resistir.

A coragem de Zito, a determinação em só chorar com os olhos, não com a boca, não reclamar, não se lamentar, pode servir de alusão ao tipo de resistência dos angolanos às inúmeras violações cometidas contra a sua dignidade humana, um tipo de resistência silenciosa, sofrida, mas corajosa.

Era o Zito mesmo que estava levar com as palmatoadas do diretor, se ouvia, cá fora, o barulho, mas nem um grito, nem um soluço mais, só as falas zangadas e raivosas da professora cambuta, chamando-lhe de negro malandro, mostrando o bilhete que ele, Zeca Silva, escrevera, ela tinha pernas gordas, para salvar o amigo da escola, o amigo das brincadeiras e de trocar coisas (VIEIRA, 2010, p. 128).

Ressalta-se, no trecho, o silenciamento do menino que sofre o castigo sem que se ouça a sua voz, o seu lamento, apenas as acusações. Também fica claro, no trecho, que o autor do bilhete motivador do castigo não fora Zito. Zeca escreve o falso bilhete para entregar a professora e manter

o conteúdo do verdadeiro em segredo, pois sabia que o texto deste traria maiores problemas a Zito. O conteúdo do bilhete verdadeiro colocaria Zito na categoria de terrorista, parte dos grupos que lutavam pela independência e libertação do país. A professora pune Zito pelo bilhete falso que Zeca escrevera, ofendida por ter um menino negro apontando uma imperfeição sua. Conhecendo a maneira de pensar de seus colegas brancos, e as ideologias que cercavam seus discursos, esta é a forma que o menino branco (Zeca) encontra para salvar o amigo negro (Zito) do poder opressor personificado na professora e no diretor, reafirmando novamente a sua posição de pacificador.

Esta representação metafórica pode ser uma alusão ao modo como são vistos os angolanos de origem portuguesa, como é o caso de Luandino (autor) e Zeca (personagem), que tomam o partido dos negros na disputa política. Pensando na história de vida do autor, pode-se pensar que há uma relação intimamente construída entre Luandino e seu personagem Zeca, cujos laços vão se tornando indissociáveis à medida em que se toma conhecimento de ambas as histórias, ficcional e real.

Zeca sabia que Zito seria punido de qualquer maneira, mas consegue evitar que o amigo seja expulso da escola ou denunciado como terrorista. Nesta passagem, percebe-se que não somente Zito é silenciado, mas também Zeca. Por conhecer o pensamento do branco em Angola, Zeca prefere manter-se em silêncio mesmo após Zito ter deixado claro que o conteúdo do bilhete – “Angola é dos Angolanos” – poderia ser revelado à professora.

A mensagem escrita por Zito representa uma ameaça – e apesar de podermos pensar que não fosse uma ideia puramente sua, mas de pessoas com as quais Zito convivia diariamente – seu poder de perturbar a ordem certamente lhe traria sérios problemas. Sabendo que o irmão mais velho era um membro de um dos partidos revolucionários de Angola, pode-se presumir que o menino tenha ouvido a frase emblemática e se apropriado da mensagem que ela passa, talvez até mesmo sem compreender totalmente o que aquela pequena mensagem significa num sentido mais profundo.

O conflito de vozes do sujeito marginalizado é discutido por Gayatri C. Spivak (2010) em *Pode o Subalterno Falar?* Ela questiona o lugar de fala do sujeito subalterno pós-colonial, que aparentemente não tem voz, mas que é representado por intelectuais que falam por eles, sem, no entanto, deixar que falem por si só.

No conto, o subalterno está representado na figura de Zito Makoa, onde este tem apenas quatro falas em discurso direto: “– Sente, Zeca! Te trouxe três balas!” (VIEIRA, 2010, p. 124) quando Zito oferece um souvenir de seu exótico e violento *musseque* ao amigo português numa

prática habitual entre os dois, a troca; “– Deixa só, Zeca! Esse gajo anda-me procurar ainda. Chegou a hora!” (VIEIRA, 2010, p. 124) quando Zito recusa a defesa de Zeca, no momento em que Bino ameaça bater-lhe. Zito tenta afirmar que é capaz de se defender sozinho e não precisa da ajuda do outro; “– Não escrevemos bilhete nenhum...” (VIEIRA, 2010, p. 126) mente Zito para a professora, na tentativa de não ser punido pela brincadeira, também tentando se defender da acusação dos outros colegas que os acusaram de trocar bilhetes com frequência; e “– Dá ainda, Zeca. Não importa” (VIEIRA, 2010, p. 126) quando Zito pede para Zeca mostrar o bilhete à professora, afirmando, indiretamente, que não importa que os outros saibam em qual verdade ele acredita.

A respeito deste silenciamento sofrido por Zito, podemos dialogar com Spivak (2010, p. 32, grifos do autor), em um trecho de seu livro em que ela discute citações de Foucault:

Visto que ‘a pessoa que fala e age (...) é sempre uma multiplicidade’ nenhum ‘intelectual e teórico (...) [ou] partido (...) ou sindicato’ pode representar ‘aqueles que agem e lutam’ (FD, p. 206). São mudos ‘aqueles que agem e *lutam* em oposição aqueles que agem e *falam*? (FD, p. 206).

Fica claro que Zito não é mudo – ele pode falar – entretanto não lhe é permitido. Ele tenta falar, constantemente, na tentativa de evitar que outros falem e pensem por ele. É uma tentativa inútil, pois os discursos já foram pré-concebidos para ele, definitivamente instalado na subalternidade. E tudo o que ele diz, com exceção da primeira sentença, é ignorado.

Ao se apropriar dos princípios nacionalistas do irmão mais velho, Zito talvez não tivesse consciência de estar adentrando em uma discussão ideológica muito perigosa para ele, pois se o próprio irmão era visto como um terrorista, ele também seria mal visto ao compartilhar essas ideias libertárias. Entretanto, antes mesmo de escrever o bilhete, as pessoas já o discriminavam – tanto pelo irmão, como por sua etnia – como fica claro neste trecho do conto:

Foi ele que pôs a primeira bassula no Bino e atacou-lhe um gapse mesmo no pescoço, mas os outros amigos do miúdo – eram três – quando viram, saltaram em cima do Zito e surraram-lhe socos, pontapés e tudo e mesmo os outros que estavam de fora não quiseram desapartar, falavam era mesmo bem-feito, esse miúdo tinha o irmão terrorista, todos sabiam, e o melhor era partir-lhe a cara dessa vez para não abusar (VIEIRA, 2010, p. 125).

No fim, o conteúdo do bilhete verdadeiro permaneceu secreto, sendo conhecido apenas pelo leitor e pelos dois meninos. Isto significa, que mais uma vez, a voz de Zito fora obliterada por Zeca. Este poder concedido a Zeca de decidir qual bilhete deverá ser revelado mais uma vez distingue os

dois meninos. Pela mesma falta, o negro vai para o castigo e o branco recebe uma advertência verbal.

No final há uma reaproximação entre Zeca e Zito, pela troca, e pela referência que o narrador faz sobre a cor da pele da mão de Zeca e Zito, ambas cor-de-rosa.

Estabelece-se então, através da cor das palmas das mãos dos personagens uma relação íntima de igualdade nestes dois trechos, no início do conto:

Viu Zito mostrar as três balas vazias, amarelas, a brilhar na palma da mão dele cor-de-rosa [e no final:] Devagar, trepando na cadeira, sem barulho, (Zito) recebeu o bilhete, guardou-lhe bem no calção e pôs outra vez na mão do amigo as três balas vazias, que luziram amarelas na pele cor-de-rosa de Zeca Silva (VIEIRA, 2010, p. 124, 129).

As palmas das mãos dos dois personagens estabelecem uma ligação entre eles, uma marca de igualdade no corpo das duas crianças.

A leitura que se faz do trecho é a de que as palmas das mãos dos negros e dos brancos, por serem iguais, são capazes de fazer a mesmas coisas, sejam boas, ou más. Se brancos podem invadir e dominar os territórios e matar negros em nome de uma nacionalidade, em nome da mesma nacionalidade os negros estão invadindo e ferindo uns aos outros em Angola. Ou seja, negros e brancos são capazes de salvar, mas também são capazes de matar uns aos outros, não há identidade que seja completamente vítima ou completamente opressora.

Considerações finais

Considerando-se o percurso turbulento pelo qual se constitui a história de Angola e a participação massiva da intelectualidade nos processos de mudanças ocorridos no país, torna-se quase impossível, e poderia até ser um erro, tentar separar a vida dos autores angolanos do conteúdo de suas obras. José Luandino Vieira teve uma vida engajada nas lutas políticas e conhece de perto a realidade do povo das classes mais marginalizadas do seu país, por isso, talvez, possa falar com tanta propriedade e segurança a partir deste ponto de vista.

Dar espaço para que a história dos “outros” seja contada, faz parte da missão de um escritor engajado, sem, no entanto, desvinculá-la da própria história, amarrando os lados em uma tessitura que contempla diferentes línguas e culturas coexistentes em um só território. A história em Angola continua construindo oposições que se originaram no período ainda pré-colonial por conta das

diferenças étnicas da região e que ecoaram nas divergências políticas no período de luta pela independência e pós-independência.

Fica evidente que o conto de Luandino compõe uma perfeita metáfora do período (pós-) colonial de Angola, ressaltando fatos comuns no dia-a-dia das pessoas, como o preconceito com os negros e a violência que os brancos praticavam contra eles em todos os espaços públicos predominantemente habitados e frequentado pelos brancos – em todos os lugares a discriminação era latente, segundo Douglas Wheeler e René Pélissier (2009) em *História de Angola*.

A representação dos personagens no conto desvela de forma crítica as relações estabelecidas entre os sujeitos pós-coloniais, especialmente no tocante às questões de cor ou raça. Estas relações conturbadas entre negros e brancos em Angola são, ainda hoje, consideradas temas complexos. A questão da nacionalidade também é ressaltada no conto, pois ser angolano pode significar coisas diferentes para grupos distintos. Nem sempre ser branco, significa ser português, nem sempre ser negro significa ser angolano. Ainda, o problema de classe em Angola fica claro quando levamos em consideração também os problemas de cor e nacionalidade, pois tudo parece estar relacionado, a maioria dos angolanos negros pertence a uma classe social mais pobre, bem como a maioria dos brancos em Angola pertencem a uma classe de poder aquisitivo e posição social mais elevado em decorrência do prestígio atribuído ao descendente do colonizador europeu.

Por fim, concluímos que Zito Makoa é um personagem silenciado, e as poucas falas que lhes são atribuídas não passam de uma tentativa de se fazer ouvir em meio a todas as outras vozes que julgam poder falar por ele. Da mesma forma, a relação entre Zito e Zeca, apesar de generosa, não é de total igualdade, pois Zito é notadamente tratado por Zeca como alguém que necessita sua proteção por estar em situação de maior fragilidade, marginalização e opressão. A proteção oferecida por Zeca reforça a posição de inferioridade ocupada por Zito enquanto membro de uma sociedade racista e classista.

Referências

BHABHA, Homi K. **O Local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: _____. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009.

BRAGA, Cláudio Roberto Vieira; GONÇALVES, Gláucia Renate. Diáspora, espaço e literatura: alguns caminhos teóricos. **Revista Trama**, Marechal Candido Rondon, v 10, n. 19, p. 37-47, 2014.

CHERON, Cibele; FILOMENA, César Luciano. O antagonismo ao extremo: luta pela libertação colonial e guerra civil em Angola. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ORGANIZAÇÕES E SOCIEDADE: INOVAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS, 3,11-14 de nov., Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre: GT Organizações Internacionais, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992.

OLIVEIRA, Fabiana de Paula Lessa; PEDRO, Fabiana Rodrigues de Souza. Silêncio, vozes, opressão e liberdade (através da escrita): reflexões sobre Zito Makoa, da 4ª classe, de Luandino Vieira e O menino que escrevia versos, de Mia Couto. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 5, p. 811-826, 2013.

SMITH, Anthony D. **Identidade nacional**. Lisboa: Gradiva, 1997.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TUTIKIAN, Jane. **Velhas identidades novas**: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.

VIEIRA, Luandino. Zito Makoa, da 4ª classe. In: CHAVES, Rita (org.). **Contos africanos dos países de língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 2010.

WHEELER, Douglas; PÉLISSIER, René. **História de Angola**. Lisboa: Tinta da China, 2009.